

Foucault, a filosofia e o cuidado de si

Márcio Sales

O que é a filosofia? Quero dizer: o que significa pensar hoje levando em consideração os desafios que temos que enfrentar na atualidade? Quais as possibilidades do pensamento? O que de novo ele pode nos apontar?

Meu propósito é apresentar, em linhas gerais, a experiência filosófica de Michel Foucault, tendo em vista a discussão acerca do fazer filosófico, tomando como referência principal suas pesquisas em torno das relações de poder e do cuidado de si.

É possível reconhecer três momentos no percurso filosófico de Foucault. O primeiro momento – o que podemos chamar de arqueológico – trata da constituição dos saberes. De que modo um “acontecimento” passa a ser problematizado a ponto de suscitar uma nova rede de discurso e, conseqüentemente, novos saberes? Por exemplo, a partir de que momento e necessidade/preocupação/interesse a loucura abandona a seu estatuto de desrazão e passa a ser vista como doença mental, tornando possível o saber psiquiátrico? O segundo momento – o genealógico – compreende a análise das relações de poder. Que forças estão em jogo quando um novo dispositivo de poder é posto em cena? Por exemplo, que tipo de inquietação e preocupação põe em movimento um novo conjunto de práticas punitivas, tornando possível o surgimento das prisões? E finalmente, o terceiro momento – que podemos chamar de arque-genealógico – é o momento do cuidado de si tendo em vista uma estética da existência. De que modo saberes e práticas podem ser utilizados para uma experiência do cuidado de si que proporcione um domínio sobre si mesmo, sobre suas próprias forças, produzindo, a partir daí, um modo de subjetivação, ou seja, um modo de existência que seja a expressão de um viver livre. Por exemplo, como os gregos, helenistas e romanos se preocuparam com o cuidado de si e criaram para si um estilo de vida marcado por esta estilização da existência, tendo em vista a liberdade e a felicidade? Convencionou-se chamar este terceiro momento de momento ético. Mas é possível encontrar em todo percurso filosófico de Foucault a preocupação com uma ética. Deleuze chama a atenção para uma distinção entre ética e moral no pensamento de Foucault. A moral aponta para valores rígidos, universalizados. Já a ética corresponde a constituição dos próprios valores tendo em vista a sua utilidade para a vida. Neste sentido, desde a *História da loucura* (1961) ao analisar uma certa captura da loucura pelo saber, Foucault pensa na

experiência que não se deixou capturar, portanto, que não foi tragada por uma moral e que expressa uma outra possibilidade de existência marcada por valores outros, isto é, por uma ética de si. O que ele chama de *experiência trágica da loucura*.

O mesmo pode ser dito dos aspectos lógicos, ontológicos, políticos e estéticos que perpassam todo o pensamento de Foucault. Não se trata, portanto, de fracionar em blocos temáticos a sua filosofia. Esses três momentos sinalizam a evolução de um pensamento que, como bem ressalta Deleuze, se produz por crises. Um pensamento que busca sempre pensar de modo diferente – “Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica - senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se saber?” (p. 13). Deslocamentos muito mais que mudanças. Desvios que possibilitam um outro olhar, sem contudo rejeitar ou diminuir a potência dos olhares anteriores. Não há superação de um momento pelo outro, nem tampouco síntese dos dois momentos no terceiro. Quando falamos de uma arque-genealogia trata-se de um procedimento que de algum modo estende os métodos de análise anteriores, mas que por um outro lado, é algo inteiramente novo, que não pode ser reduzido ao estatuto de síntese. [pois não se trata de uma dialética]

Sendo assim, é possível articular a discussão um torno do cuidado de si com questões que aparecem em outros momentos e que nos auxiliam a pensar a nossa atualidade e a própria tarefa do pensamento.

Através da sua filosofia Foucault pretende, dentre outras coisas, fazer um diagnóstico do presente. Para ele este é um dos aspectos fundamentais do exercício filosófico: dizer o que somos nós. Ou mais ainda: o que fizeram de nós? Suas investigações em torno das relações de poder indicam um tipo de sociedade – que é a nossa – marcada pela disciplina e pelo controle.

As sociedades ocidentais tal como são organizadas a partir dos séculos XVIII e XIX são sociedades disciplinares. Esta constatação faz parte de suas análises acerca das relações de saber e poder, apresentadas, principalmente, em livros como *Vigiar e Punir* e *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tais sociedades são disciplinares na medida em que reclamam por um estilo de vida considerado correto e, em função disto, constroem um aparato capaz de enquadrar as pessoas neste formato ideal. A noção de *quadro* em Foucault marca o exercício da disciplina dentro de uma sociedade. Este enquadramento vai da formação à correção e é atravessado pela punição. Forma-se um estilo de vida marcado pela disciplina e constrói-se uma máquina de disciplinar capaz

de "consertar" os que escapam à formação. O elemento condutor é a permanente vigilância. É ela que garante a eficiência da máquina. Este aparato se faz presente na família, na escola, no exército, na fábrica, no hospital e nas prisões.

O quadro é a cena inicial que nos permite entrar no universo do poder e do saber, considerando as suas relações, implicações e produções. O quadro é, portanto, um panorama que possibilita uma análise microfísica do poder. Ele é um mapa onde estão desenhadas as relações de poder numa determinada sociedade. O quadro aparece nas análises de Foucault como sendo o espaço onde os indivíduos são distribuídos tendo em vista a disciplina. O espaço quadriculado configura um mecanismo dos aparelhos disciplinares que separa os grupos para melhor localizá-los e vigiá-los. “É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração”.¹ O conceito de *quadriculamento* é significativo nas análises em torno da questão do poder. O quadro enquanto moldura representa o limite. O que separa o permitido do proibido, o normal do anormal. O quadro estabelece as fronteiras da experiência no corpo social. Ele sinaliza os espaços ideais numa sociedade que se define como disciplinar: a sala de aula, a cela da prisão, o quarto do hospital. A realidade passa por esses limites. Mas temos também no quadro o lugar do saber. O quadro é o painel, a tela, o lugar de onde emana a verdade. De forma simbólica, é no quadro que encontramos a sintonia entre o saber e o poder. O professor – e juntamente com ele o médico, o psiquiatra, o criminalista, o padre ou pastor – constitui a autoridade sempre pronta para dizer a verdade do que somos e do que devemos ser. Quando pensamos no quadro pensamos na Palavra que nele se inscreve. Considerando as relações de poder em torno da sexualidade, Foucault afirma que a “pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra”.² A partir de então foi preciso fazer o dever de casa, ou seja, colocar o sexo em discurso. Ao se falar com autoridade, como um especialista, exerce-se o poder não somente sobre a fala – poder de persuasão – mas também sobre o que se fala – o assunto – e sobre de quem se fala – as pessoas envolvidas na questão. É nesse ponto de confluência que o saber e o poder se articulam.

¹ FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987, p. 131.

² FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. RJ: Graal, 1988, p. 24.

As análises de Foucault em torno do poder procuram se afastar de uma imagem negativa do poder, ou seja, da idéia de um poder meramente repressor. Para ele, o poder é principalmente produtivo e se exerce em todas as relações sociais. O poder é definido como correlações de força. “Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais”.³ Se, por um lado, há correlações organizadas como um sistema hegemônico, por outro, existem pontos de fissuras que tornam frágeis e dispersam as unidades constituídas. Conforme a explicação de Sílvio Gallo, há uma arquitetura particular das correlações de força que determinam uma sociedade, mas também uma instabilidade dessas correlações de força que possibilitam novos equilíbrios e novos estados de poder.⁴ Nesta perspectiva as relações de poder são analisadas como relações estratégicas: “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”.⁵

As relações de poder e de saber analisadas por Foucault funcionam através de dispositivos. Primeiramente, o dispositivo da vigilância. Para Foucault, nossa sociedade não é mais de espetáculos, como era antigamente no tempo dos teatros, dos templos e dos circos. Nossa sociedade é marcada pela vigilância. No tocante, por exemplo, ao que Foucault denomina “sexualidades periféricas”, ele afirma que se, por um lado, houve uma indulgência a partir da atenuação da severidade dos códigos penais em relação aos delitos sexuais, por outro lado, “teremos um ardil suplementar da severidade, se pensarmos em todas as instâncias de controle e em todos os mecanismos de vigilância instalados pela pedagogia e pela terapêutica”.⁶ Em seguida, o dispositivo da individualização. A sociedade disciplinar produz individualidades. “À medida que o

³ *Ibid.*, p. 89.

⁴ GALLO, S. “Anarquismo e filosofias da diferença”. In: Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. n. 1 (maio 2000). Niterói: EdUFF, 2000. p. 87.

⁵ FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Op. cit., p. 89.

⁶ *Ibid.*, p. 41.

poder se torna mais anônimo e mais funcional, aqueles sobre os quais se exerce tendem a ser mais fortemente individualizados... por desvios mais que por proezas. (...) Num sistema de disciplina, a criança é mais individualizada que o adulto, o doente o é antes do homem são, o louco e delinqüente mais que o normal e o não-delinquente.”⁷

Num sentido positivo, a individualização começa pelo corpo através de um processo de subordinação. Ela age sobre o corpo do indivíduo tornando-o dócil e útil. “Digamos que a disciplina é o processo técnico unitário pelo qual a força do corpo é com o mínimo ônus reduzida como força ‘política’, e maximalizada como força útil”.⁸ O corpo bom e disciplinado é o que aceita ser subordinado. Este trabalho sobre o corpo deve ser coextensivo ao corpo social inteiro. Deve-se extrair dos corpos a sua força capaz de garantir a hegemonia da classe burguesa e de um modelo de sociedade assentado em bases capitalistas. Segundo Foucault, “o processo pelo qual a burguesia se tornou no decorrer do século XVIII a classe politicamente dominante, abrigou-se atrás da instalação de um quadro jurídico explícito, codificado, formalmente igualitário, e através da organização de um regime de tipo parlamentar e representativo. Mas o desenvolvimento e a generalização dos dispositivos disciplinares constituíram a outra vertente, obscura, desse processo”.⁹ Através desses dispositivos são implementadas técnicas que tornam útil a multiplicidade cumulativa de homens e, a partir dela, aceleram o movimento de acumulação de capital. Em relação estreita com a divisão do trabalho e com as mudanças tecnológicas do aparelho de produção, a disciplina garante a submissão das forças e dos corpos, contribuindo assim para a manutenção e para o crescimento do capitalismo.

Mas há também uma individualização que assume um aspecto negativo. Esta, ao invés de ser mantida e desenvolvida, deve ser eliminada. Para tanto, investe-se sobre ela uma série de dispositivos disciplinares. Foucault analisa, a este respeito, a questão da *delinqüência*. A delinqüência deve ser banida porque está do outro lado da lei. Mas não por um gesto simples de infração, mas pela existência criminosa que representa. O delinqüente é criminoso não tanto pelo ato que praticou, mas por um conjunto de coisas que compõe a sua existência: instintos, pulsões, tendências, temperamento. Segundo Foucault, “o delinqüente se distingue do infrator pelo fato de não ser tanto seu ato

⁷ FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Op. cit., p. 171.

⁸ *Ibid.*, p. 194.

⁹ *Idem.*

quanto sua vida o que mais o caracteriza”.¹⁰ O delinqüente não comete um crime, ele é um criminoso. Há na sua biografia um estado de anomalia. Tal como o louco o delinqüente é visto como o anormal que precisa ser curado ou disciplinado. Um novo saber é construído para dar conta deste propósito e impedir que este mal corrompa a sociedade: a criminologia. A partir dela, a prisão transforma-se num lugar onde a punição é amparada pela ciência. “O castigo poderá funcionar em plena luz como terapêutica e a sentença se inscrever entre os discursos do saber”.¹¹ No caso da sexualidade a questão gira em torno das *perversões* que, segundo Foucault, é o produto real da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres. Para ele, a implantação das perversões e, por sua vez, a individualização do perverso, é um efeito-instrumento: “é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. E, nesse avanço dos poderes, fixam-se sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma idade, um lugar, um gosto, um tipo de prática”.¹²

A sociedade disciplinar é expressa através da experiência do confinamento. É uma sociedade que se organiza no espaço fechado (família, escola, fábrica, hospital, prisão). Nesse espaço ela procura gerenciar a vida através de um processo de individualização que, no sentido geral, procura moldar os indivíduos para que cumpram bem o seu papel na sociedade. Para tanto, ela vale-se de dispositivos disciplinares que configuram um tipo de exercício do poder a serviço de uma hegemonia social. As análises empreendidas por Foucault encontram suporte não no princípio jurídico, em que o exercício do poder se formula no modelo do direito através da lei, do castigo, do Estado, mas no modelo estratégico definido pela técnica, pela normalização, pelo controle que extravasam do Estado e de seus aparelhos.¹³ O poder, antes de ser repressivo, é produtivo. As estratégias de poder apontam para diferentes direções e produzem diversos agenciamentos que vão da normalização à resistência. No caso das sociedades disciplinares, tais estratégias se apóiam na lógica do capitalismo, que é a lógica da produção. O capitalismo utiliza os meios de produção tendo em vista uma maior concentração de renda e a garantia da propriedade. A sociedade apoiada nesta

¹⁰ *Ibid.*, p. 223.

¹¹ *Ibid.*, p. 227.

¹² FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. *Op. cit.*, p. 48.

¹³ Cf. *Ibid.*, p. 86.

percepção produz, por sua vez, um indivíduo que possa produzir cada vez mais e melhor o capital; um indivíduo dócil e útil para a sociedade que se tem.

Mas se Foucault retrata a sociedade disciplinar não é para exaltar o seu triunfo nem tampouco para mergulhar numa inércia frente esta realidade. Ele reconhecia que a história é feita de rupturas, descontinuidades, mudanças de direção. Mas quais são os sinais de mudança? Quais são as passagens possíveis? Uma vez feito este diagnóstico é preciso responder a seguinte questão: O que estamos fazendo de nós mesmos? Ou ainda: O que estamos fazendo com aquilo que fizeram de nós?

Há uma dobra do pensamento que acompanha a trajetória filosófica de Foucault. Mas o que consiste esta dobra?

A dobra é a curva que possibilita a visão de um novo horizonte. Mais que a virada na esquina, previsível e programada, a dobra é o desvio no atalho, momentâneo, repentino, desconcertante. É a necessidade de mudar de direção para sair do mesmo e experimentar o outro, a diferença. A dobra é também o que está do outro lado, escondido, sorrateiro, pronto para dar o bote. Ela é como a bainha da calça: ninguém a vê, mas ela está ali. Face oculta, silenciosa, mas presente, viva, tenaz. Ela é um “lado”, ou seja, o outro lado, a outra perspectiva, o outro olhar, em uma palavra – a possibilidade de resistência. Em alguns momentos esse outro lado é visto como sendo o lado de fora – “o apelo ao lado de fora é um tema constante em Foucault, e significa que pensar não é o exercício inato de uma faculdade, mas deve suceder ao pensamento... pensar é emitir um lance de dados”.¹⁴ Em sua associação com os dados o lado de fora só pode ser bem compreendido como sendo o lado de cima. É o que está para fora no sentido de à mostra, ou seja, na luta, como possibilidade do jogo. Os dados formam compostos de infinitas possibilidades. É neste sentido que o pensamento do outro lado ou do lado de fora é um pensamento de resistência. E é através dele que surge a possibilidade de mudança. A idéia desses novos compostos incomodava Foucault, o perseguia permanentemente. Como pensar e viver sem cair nas malhas finas do poder? Qual é a via de escape possível? Deste modo, não há um fora no sentido de uma experiência pura, originária, essencial. O “outro lado” não fica nem do lado de fora nem do lado de dentro. Não há fora nem dentro. O que há são desvios que procuram provocar uma fissura no limite estabelecido, na realidade produzida e normalizada pelo poder, mas no próprio exercício do poder. Deleuze analisando o panoptismo descrito

¹⁴ DELEUZE, G. *Foucault. Op. cit.*, p. 94.

por Foucault diz que a sua função é “impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer”.¹⁵ É neste sentido que o poder cerca, delimita, mas, principalmente, cria, produz um tipo de existência.

A dobra é ainda o dobro, a duplicação, a proliferação dos sentidos, a multiplicidade da experiência. “Não é um desdobramento do Um, é uma reduplicação do Outro. Não é uma reprodução do Mesmo, é uma repetição do Diferente. Não é a emanção do EU, é a instauração da imanência de um sempre-outro ou de um Não-eu”.¹⁶ Não é o mesmo se repetindo várias vezes, são vários outros presentes em mim. Eu me vejo como o duplo do outro, eu encontro o outro em mim. Eu não sou o homem, o branco, o pobre, mas a possibilidade infinita do outro que se encontra em mim.

Essas idéias nos remetem às análises de Foucault sobre a *estética da existência*. “Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo”.¹⁷ Este é o projeto de Foucault em seus últimos livros: “mostrar, agora, de que maneira, na Antiguidade, a atividade e os prazeres sexuais foram problematizados através de práticas de si, pondo em jogo os critérios de uma ‘estética da existência’”.¹⁸ Segundo Deleuze a idéia fundamental de Foucault é a de uma dimensão da subjetividade que deriva do poder e do saber, mas que não depende deles.¹⁹ A estética da existência se articula assim com os modos de subjetivação.

Se nas análises genealógicas de Foucault ele mostra os processos de objetivação do sujeito através da relação poder-saber, sujeitando o indivíduo a uma normalização, com a noção de estética da existência ele analisa os modos de subjetivação como experiências do governo de si mesmo. A subjetivação se opõe à sujeição. Ela consiste em um processo de construção de si mesmo, no sentido de fazer da vida uma obra de arte. Há, pois, um cuidado de si, uma prática de si, uma política de si, um exercício de si sobre si que visam, acima de tudo, uma soberania sobre si mesmo. O que está em jogo é a técnica que deve ser utilizada para se viver da melhor maneira possível. Para Vera Portocarrero, esta dobra do pensamento sobre si mesmo – entendida como uma ascese –

¹⁵ *Ibid.*, p. 43.

¹⁶ DELEUZE, G. *Foucault. Op. cit.*, p. 105.

¹⁷ FOUCAULT, M. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*, Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 15.

¹⁸ *Ibid.*, p. 16.

¹⁹ DELEUZE, G. *Foucault. Op. cit.*, p. 109.

consiste na tarefa da filosofia hoje, uma vez que aponta para a capacidade de recusa e resistência mas também para a coragem de criação da sua própria subjetividade.²⁰

Na experiência da vida como obra de arte as curvas da dobra estão presentes nesse retorno sobre si mesmo, que visa não à construção de identidade, mas o desvio do que se é para ser um outro. Não há, portanto, um modelo a ser atingido, uma forma perfeita, mas a possibilidade de um exercício da liberdade na composição de um estilo de vida. Por outro lado, a estética da existência é uma forma de resistência aos poderes que procuram instituir uma vida normalizada. Ela é a dobra no sentido de ser o outro lado que se opõe e que realiza um confronto, abrindo uma fenda para novas possibilidades. Segundo Judith Revel, há uma distinção entre biopolítica e biopoder. A idéia de uma estética da existência se inscreve na perspectiva de uma biopolítica em oposição ao biopoder. Neste sentido, consiste em “uma afirmação da potência da vida *contra* o poder sobre a vida”.²¹ Mas este conceito que Foucault pega emprestado dos gregos é ainda uma dobra no sentido da multiplicidade. A arte de criar-se a si mesmo é uma arte em construção, em movimento, um exercício ético-estético que tem como valor principal o uso da liberdade. É o que afirma o próprio Foucault: “Quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo ‘governo’ dos homens, uns pelos outros – no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’, enquanto ‘livres’ – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer”.²²

Daí surgem as questões: Quais são os modos de subjetivação possíveis em nossa época? Quais são as dobras possíveis do presente? Se Foucault narra a experiência grega não é para copiá-la, nem tampouco para reconstruí-la, mas para dizer que se um dia ela foi possível, é possível que hoje se construa também novos modos de relação do indivíduo consigo mesmo.

O pensamento de Foucault nos remete assim ao possível de nós mesmos, às

²⁰ Cf. PORTOCARRETO, V. “Reabilitação da concepção de filosofia como ascese no pensamento tardio de Foucault”. In: GONDRA, J.; KOHAN, W. (Orgs.). *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 192-193.

²¹ REVEL, J. “Nas origens do biopolítico: de *Vigiar e punir* ao pensamento da atualidade”. In: GONDRA, J.; KOHAN, W. (Orgs.). *Ibid.*, p. 58.

²² FOUCAULT, M. “O sujeito e o poder”. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault – Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 244.

condições de possibilidade de novos agenciamentos, de novas linhas de fuga que resistam aos mecanismos de captura dos jogos de poder e constituam novos modos de subjetivação como uma experiência possível da liberdade. É sobre esses novos compostos que é preciso pensar como dobras de nós mesmos.

O desvio que Foucault opera em direção à antiguidade marca uma aproximação com a concepção da filosofia como “exercício espiritual”.²³ Segundo Vera Portocarrero esses “exercícios espirituais” devem ser compreendidos como um conjunto de exercícios que não se restringe ao ensino de uma teoria abstrata nem à exegese de um texto, mas que trata da arte de viver; ou seja, diz respeito a um “ato filosófico que não se situa apenas na ordem do conhecimento, mas na ordem do si e do ser”.²⁴ Neste sentido a filosofia é uma terapêutica que visa curar a vida moribunda, submissa, impotente, mas também um veneno para destruir as evidências e as universalidades. Um corte cirúrgico que faz aparecer o núcleo da lesão, do mal, mas também um corte pirotécnico que faz cair os muros para que se possa avançar.²⁵

Para Foucault o exercício filosófico do pensamento surge como estratégias de luta. Foucault o considerava estratégias de resistência, lutas transversais, que visam inimigos imediatos; lutas anárquicas, que questionam o estatuto do indivíduo, dos saberes constituídos e afirmam o direito de ser diferente; lutas contemporâneas que respondam a questão: quem somos nós? Para ele a tarefa da filosofia consiste em realizar uma análise crítica do nosso mundo, do tempo presente, daquilo que somos neste exato momento, mas justamente para recusar o que somos e reclamar pelo direito de sermos outros.

A filosofia como pensamento da diferença se constitui como diagnóstico da atualidade. E neste sentido ela deve ser, por um lado, crítica e analítica, pois o pensamento sobre o presente requer uma análise histórica e uma crítica que nos remeta às condições de possibilidade das experiências, e por outro, criativa, na medida em que se volta sempre para o novo que está em vias de se formar. “Talvez o diagnosticador do presente (...) possa tentar fazer as pessoas perceberem o que está para acontecer, exatamente nos campos em que o intelectual talvez seja competente. Pelo gesto mínimo que consiste em deslocar o olhar, ele visibiliza o que é invisível, faz aparecer o que está

²³ Cf. POL-DROIT, R. *Michel Foucault: entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006, p. 27.

²⁴ PORTOCARRERO, V. *Op. cit.*, p. 196.

²⁵ Sobre o papel da filosofia comparado a um gesto cirúrgico, cf. ARTIÈRES, P. “Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault”. In: GROS, F. (org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 26-31. Acerca do corte pirotécnico cf. a entrevista com Foucault intitulada “Eu sou um pirotécnico”. In: POL-DROIT, R. *Michel Foucault: entrevistas. Op. cit.* p. 67-100.

próximo, tão imediato, tão intimamente ligado a nós que, exatamente por isso, não o vemos”. O deslocamento operado pela filosofia consiste também neste afastamento estratégico para ver a partir de outros focos. Este afastamento não deve ser confundido como um isolamento no universo teórico nem tampouco com uma busca de um olhar mais apurado, e por isso, mais próximo da verdade. O pensamento da diferença é ativo ou, na linguagem do próprio Foucault, “hiperativo” – só faz sentido no engajamento, na luta, na medida em que coloca em movimento a própria existência. Mas também rejeita alternativas como soluções – consiste em problematizar e não em construir modelos. Se a filosofia tem a tarefa de tornar visível o invisível é no sentido de apontar os perigos que enfrentamos: “nem tudo é ruim, mas tudo é perigoso, o que não significa o mesmo que ruim. Se tudo é perigoso, então temos sempre algo a fazer. Portanto, minha posição não conduz à apatia, mas ao hiperativismo pessimista”.²⁶

Mas há ainda uma outra dimensão da filosofia em Foucault. É que o pensamento é destituído de uma valoração moral. Se há uma ética em Foucault é justamente para distingui-la de uma moral. A ética remete à conduta livre, senhora de si mesma. Na medida em que o conceito é fabricado pelo pensamento, pela filosofia, não há para ele um estatuto prévio. O pensamento rompe com as imagens metafísicas se situando no campo da imanência. O plano de imanência é o plano dos desvios, das dobras da história, do corte do caos que possibilita algo novo. Nele há uma conjugação entre a experiência da diferença e da liberdade. Foucault afirma que a experiência ética como experiência de si “não é uma descoberta de uma verdade escondida no seu interior, mas uma tentativa de determinar o que se pode ou não fazer com uma liberdade disponível”.²⁷ Diferentemente da moral, a ética não se situa no território do bem e do mal, mas na experiência estética. O que se procura, acima de tudo, é uma arte de viver.

²⁶ FOUCAULT, M. “Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow”. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault – Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 256.

²⁷ FOUCAULT, M. “Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow”. *Op. cit.*, p. 275.